

Iulia Avellar ¹

Griação & Grítica

Resumo: Com um enfoque nas relações entre comida e literatura na Antiguidade Clássica, este trabalho aborda alguns alimentos – como o *libum* (bolo sacrificial de farinha, queijo e mel), carnes de animais e favas – oferecidos aos deuses em festividades descritas nos *Fasti* (*Fastos*), de Ovídio, seu estatuto nesses ritos e seu estatuto literário no texto ovidiano. Nesse poema em forma de calendário, as datas de importância na cultura romana são reconstruídas e recriadas sob uma perspectiva que insere o mito na história, mediante a narração de relatos etiológicos os quais expõem as causas das celebrações romanas e dos alimentos nelas utilizados. Diante disso, evidenciaremos, primeiramente, que o poema, ao apresentar explicações sobre alimentos empregados em ritos, contribui para a construção de uma memória da tradição cultural romana. Em segundo lugar, investigaremos como essas etiologias alimentares introduzem no texto reflexões sobre o próprio fazer poético, de modo a transformar os alimentos em ingredientes para comentários autorreflexivos e metapoéticos.

Palavras-chave: Ovídio; Fastos; Comida e memória; Metapoesia.

A DELICACY OF POETRY: FOOD AND MYTHICAL AETIOLOGIES IN OVID'S FASTI

Abstract: Focusing on the relationship between food and literature in Classical Antiquity, this paper deals with some dishes – such as *libum* (sacrificial cake made of flour, cheese and honey), animal meat and horse-beans – offered to the gods in festivities described in Ovid's *Fasti*, and explores their status in these rites and their literary status in Ovid's text. In this calendar poem, the dates of importance in Roman culture are reconstructed and recreated from a perspective that inserts the myth in history, through narration of etiological accounts, which expose the causes of Roman celebrations and their food. Thus, we first show that the poem, through explanations concerning the food used in rites, contributes to the construction of a memory of the Roman cultural tradition. Second, we investigate how these food's etiologies introduce reflections on poetic making, in order to turn food into ingredients for self-reflexive and meta-poetic comments.

KEYWORDS: Ovid; *Fasti*; Food and memory; Meta-poetry.

Os *Fastos*, do poeta romano Ovídio (43 a.C.-17/18 d.C.), são um poema em dísticos elegíacos, que, estruturado segundo a ordem dos calendários romanos (*fasti*), apresenta as principais festividades diárias e suas explicações etiológicas. Datável do período imediatamente anterior à expulsão do poeta de Roma (8 d.C.)², a obra teria permanecido incompleta e contém apenas os livros referentes à primeira metade do ano (janeiro a junho)³. Assim, para cada dia do ano, ela indica e descreve festas religiosas ou celebrações de eventos importantes e, além disso, explica suas causas (*causae/aitiai*), geralmente vinculadas a lendas nacionais ou acontecimentos e personagens míticas. Por vezes são também expostos esclarecimentos

- 1 Doutoranda em Literaturas Clássicas e Medievais no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista CAPES. Contato: juliabcavellar@gmail.com
- A datação dos *Fastos* não é de todo consensual. Segundo Miller (2002, p. 176), que segue a linha de Degrassi (1963, p. 141-142), a obra teria sido composta entre 6-9 d.C., com adições e pequenas alterações posteriores, durante o suposto exílio de Ovídio em Tomos, cidade às margens do Mar Negro. Gouvêa Jr. (2015, p. 14-15), por sua vez, em concordância com Citroni (2006, p. 584), Herbert-Brown (2009, p. 126) e Pasco-Pranger (2006, p. 23), sugere o início de escrita da obra em 2 ou 3 d.C.
- Essa incompletude dos *Fastos*, tradicionalmente compreendida como resultante do suposto exílio do poeta, tem sido reinterpretada por estudiosos mais recentes como uma construção estrutural poeticamente deliberada, especialmente diante do fato de a própria ocorrência do exílio, em estudos mais recentes, ter sido posta em xeque e interpretada como uma criação literária veja-se, por exemplo, Fitton-Brown (1985), em artigo inaugural dessa perspectiva. Segundo Holzberg (2002, p. 174), o poema, em termos estruturais, apresenta-se como uma composição completa, ainda que não abranja o ano inteiro. Com efeito, para o estudioso, Ovídio pode ter encerrado os *Fastos* deliberadamente no dia 30 de junho, a fim de, numa espécie de oposição ao regime imperial, não ter que comentar sobre os dois meses seguintes (julho e agosto), consagrados, respectivamente, a Júlio César e a Augusto. Igualmente, Newlands (2006, p. 214- 215), após demonstrar que a obra é estruturalmente completa, sugere que o estado "fragmentário" do poema faria parte de um desígnio formal.

de caráter astronômico e meteorológico, como, por exemplo, a explicação mítica do surgimento de algumas constelações. A proposição ovidiana encontra-se logo nos versos iniciais do poema: "Os tempos, com suas **causas**, **ordenados** no ano do Lácio / e o nascer e o pôr dos astros sob as terras cantarei." – *Tempora cum causis Latium digesta per annum / lapsaque sub terras ortaque signa canam* (OVÍDIO, *Fastos* 1.1-2).

Observa-se que o eu-poético, referido no próprio poema pelo nome de "Nasão" (portanto, homônimo do autor, Públio Ovídio Nasão)⁵, assume uma *persona* de comentador do calendário romano, de modo a oferecer nos *Fastos*, segundo as palavras de Holzberg (2002, p. 153), uma glosa do calendário. É interessante assinalar, porém, que essa *persona* do eu-poético, conforme destaca Miller (2002, p. 169), revela-se caleidoscópica, visto que, ao abordar uma ampla extensão de assuntos (desde as lendas romanas e celebrações imperiais até rituais tradicionais, *aitia* de antiquários e mitos gregos), o narrador muda seu modo e tom de apresentação, variando entre instrutor de rituais, narrador etiológico, panegirista etc.

No contexto romano, os *fasti* eram calendários pintados ou inscritos em praças públicas ou templos, em que se consultava o caráter de cada dia do ano (quais negócios eram ou não permitidos) e em que estavam indicadas as festividades tradicionais (MILLER, 2002, p. 170). Ainda de acordo com Miller (2002, p. 171), as detalhadas descrições e exegeses presentes no poema de Ovídio fazem-no uma espécie de comentário sobre esses calendários, bem semelhante aos tratados em prosa escritos por antiquários, como os de Varrão (116 a.C.–27 a.C.). Ademais, conforme registra Scheid (2013, p. 121), em Roma havia também *commentarii* ("comentários") ao calendário, que forneciam informações ausentes dos *fasti* tradicionais. Diante disso, tendo como material os calendários romanos e seus comentários explicativos, Ovídio compõe um poema etiológico sobre as *causae* ("causas") das festas, segundo os padrões da poesia helenística e em forte diálogo com os *Aitia*, do poeta alexandrino Calímaco (310/305-240 a.C.).

Na medida em que, nas festas e celebrações descritas nos *Fastos*, são por vezes mencionados alimentos oferecidos aos deuses, o presente artigo busca identificar alguns dos alimentos de destaque ao longo do poema e analisar seu estatuto nos rituais de que fazem parte. Em seguida, serão abordadas as narrativas míticas que justificam o uso de tais alimentos nos cultos mencionados, a fim de demonstrar como a etiologia nos *Fastos* contribui para a construção e a fixação de uma memória da tradição cultural romana, ainda que de valor poético, e não propriamente religioso. Finalmente, será observado que alguns dos alimentos referidos no poema acabam por adquirir um valor literário, visto que a etiologia de seus usos, por vezes, envereda-se por comentários de natureza metapoética.

Tradução nossa. O texto-base em latim dos *Fastos* apresentado ao longo deste artigo e utilizado para a realização das traduções de nossa autoria é o estabelecido, em dois volumes, por Robert Schilling (1993; 2003) pela edição da *Les Belles Lettres*. Quando o texto de Ovídio não for citado pela edição traduzida por Márcio Gouvêa (2015), trata-se de tradução nossa – assim como as demais citações não indicadas nas referências bibliográficas.

OVÍDIO, *Fastos* 5.377-378: "Para o canto de **Nasão** florescer por todo o tempo, / derrama, rogo, em meu peito, os teus dons." – *Floreat ut toto carmen Nasonis in aeuo, / sparge, precor, donis pectora nostra tuis.*

170

Ritos alimentares e o estatuto de alguns alimentos

As festividades e os ritos alimentares descritos nos *Fastos*, embora se vinculem à vida cultural romana, não podem ser compreendidos como dados estritamente documentais dessas práticas. Na verdade, a obra é uma elaboração poética baseada nos calendários romanos, e não um documento religioso com prescrições rituais. Além disso, Ovídio é escritor elegíaco, pertencente, segundo Holzberg (2002, p. 173-174), "a uma tradição literária que encorajava seus leitores a esperar não contribuições sérias acerca da história, da religião e da política romanas, mas um espirituoso e divertido jogo utilizando o material narrativo oferecido pelo calendário". Nesse mesma perspectiva, também Barchiesi (1997, p. 49-50) problematiza leituras estritamente históricas e antropológicas dessa obra, que limitam o seu valor ao de mero testemunho e desconsideram a ironia sutil que perpassa os versos ovidianos.

Diante desse panorama, não se pretende fazer aqui uma abordagem documental dos alimentos usados nas celebrações romanas, tampouco investigar a veracidade ou não dos ritos expostos pelo eu-poético. Buscamos, antes, evidenciar como informações presentes no poema podem revelar indiretamente o estatuto de determinados alimentos no contexto latino e, sobretudo, como elas acabam por construir uma imagem da tradição cultural romana.

Um claro exemplo disso são os hábitos alimentares recomendados nas Calendas de junho (I de junho), na festa em honra a Carna, antiga ninfa que o deus Jano transformara em deusa dos gonzos (*cardo*):

Pinguia cur illis gustentur larda Kalendis
mixtaque cum calido sit faba farre rogas?

Prisca dea est, aliturque cibis quibus ante solebat,
nec petit adscitas luxuriosa dapes.

(OVÍDIO, Fastos 6.169-172)

Perguntas por que são comidos nas Calendas o farro quente, as favas e o toucinho? 170

Carna é u'a deusa antiga, e como antes, se nutre: por luxo não exige estranhos pratos.

(OVÍDIO, 2015, p. 293)

O eu-poético introduz as reflexões com uma indagação sobre o porquê de, neste dia, serem consumidos "toucinho gorduroso" (*pinguia larda*), "farro quente" (*calido farre*) e "fava" (*faba*), alimentos considerados tradicionais. A explicação, baseada no fato de Carna ser uma deusa antiga (*prisca dea*) e alimentar-se, portanto, segundo os antigos costumes, serve para introduzir uma oposição entre a simplicidade dos antigos romanos, manifesta em seus hábitos alimentares, e os pratos luxuosos (*luxuriosa dapes*) em voga na Roma da época do poeta

[&]quot;[...] he belonged to a literary tradition that encouraged his readers to expect not serious contributions to the interpretation of Roman history, religion, and polites, but an amusing, entertaining game making use of the narrative material the calendar offered".

– muitos deles com ingredientes provindos das regiões orientais às quais se expandia o domínio do Império sob o governo do imperador Augusto. Na sequência do poema, são indicados diversos alimentos considerados luxuosos, os quais, segundo o eu-poético, não eram consumidos nos primórdios de Roma, mas são evidência da ostentação de seu tempo:

Piscis adhuc illi populo sine fraude natabat,
ostreaque in conchis tuta fuere suis;
nec Latium norat quam praebet Ionia diues
nec quae Pygmaeo sanguine gaudet auis;
et praeter pennas nihil in pauone placebat,
nec tellus captas miserat arte feras.
Sus erat in pretio, caesa sue festa colebant;
terra fabas tantum duraque farra dabat.

Quae duo mixta simul sextis quicumque Kalendis
ederit, huic laedi uiscera posse negant.
(OVÍDIO, Fastos 6.173-182)

Sem perigo nadava o peixe no seu tempo
e ficava segura a ostra na concha;
não conhecia o Lácio ainda as perdizes jônias
175
ou o grou, que co'o pigmeu sangue se alegra;
senão as penas, do pavão nada agradava,
nem p'ra armadilha a terra enviava as feras.
Rico era o porco, e o matando festejavam,
enquanto a terra dava o farro e as favas.

180
Quem quer que em junho os coma juntos nas Calendas,
das vísceras evita adoecer.
(Ovídio, 2015, p. 293-295)

Peixe (*piscis*), ostra (*ostrea*), riquezas que a Jônia oferece (*quam praebet Ionia diues*), ave que se alegra com o sangue pigmeu, pavão e outras feras são iguarias dos banquetes luxuosos. Em oposição, nos tempos antigos, valorizava-se o porco (*sus*), e a terra oferecia apenas favas (*fabas*) e duro grão (*dura farra*). Tais alimentos, além de representarem a simplicidade antiga, ainda são investidos de valor "medicinal", já que quem os come nas Calendas é imunizado contra doenças. Essa qualidade se deve ao fato de que Carna, segundo uma tradição referida em Macróbio (séc. IV-V d.C.), era responsável pela proteção dos órgãos vitais humanos:

Horácio (*Sátiras* 2.2) também cita diversos alimentos tidos como opulentos em banquetes e empreende uma crítica aos exageros do gosto por comidas exóticas e pelos pratos caros.

Segundo Schilling (1993, p. 169), trata-se do "francolim jônico" (attagen Ionicus), ave famosa pelo seu sabor, também mencionada por Horácio (*Epodos* 2.54).

Schilling (1993, p. 169) esclarece que a ave que se alimenta de sangue pigmeu é o grou, com base na tradição expressa em versos homéricos, em *Ilíada* 3.3-7: "[...] do mesmo modo que a bulha dos grous ao Céu alto se eleva, / no tempo em que, por fugirem do inverno e da chuva incessante, / voam, com grita estridente, por cima do curso do oceano, / à geração dos Pigmeus conduzindo o extermínio e a desgraça, / para, mal surja a manhã, a batalha funesta iniciarem." (HOMERO, 2001, p. 23).

Hanc deam uitalibus humanis praeesse credunt. Ab ea denique petitur ut iecinora et corda quaeque sunt intrinsecus uiscera salua conseruet [...] cui pulte fabaria et larido sacrificatur, quod his maxime rebus uires corporis roborentur. nam et Kalendae Iuniae fabariae uulgo uocantur, quia hoc mense adultae fabae diuinis rebus adhibentur. (MACRÓBIO, Saturnalia

Acreditam que esta deusa governa os órgãos vitais humanos. A ela, enfim, se pede que se conservem em boa saúde os fígados, os corações e as vísceras que estão no interior. [...] A ela se fazem sacrifícios com farinha de fava e toucinho, pois com estes as forças do corpo se revigoram maximamente. Com efeito, as Calendas de junho são denominadas "Calendas de fava" pelo povo, pois neste mês as favas crescidas são empregadas nos ritos sagrados. (trad. nossa)

Um dos principais alimentos mencionados ao longo dos *Fastos* é o *libum*, uma espécie de bolo sacrificial oferecido aos deuses, feito de farinha, queijo e mel. Na tradição literária romana, o *libum* é frequentemente mencionado nas celebrações de aniversário ¹⁰, como um bolo oferecido ao gênio, espécie de divindade tutelar, do aniversariante ¹¹. Nos *Fastos*, esse bolo se faz presente em inúmeras celebrações: em honra a Jano, celebrado no primeiro dia do ano (OVÍDIO, *Fastos* 1.128); nas festas Sementivas, de data móvel no calendário (OVÍDIO, *Fastos* 1.670); nas festas Terminálias (23 de fevereiro), em honra do deus *Terminus*, que demarca os limites dos territórios (OVÍDIO, *Fastos* 2.644); nas Liberálias (17 de março), em honra de Baco (OVÍDIO, *Fastos* 3.734, 735, 761); nas Parílias (21 de abril), em honra da divindade pastoril Pales (OVÍDIO, *Fastos* 4.743, 776); nas Matrálias (11 de junho), em honra da divindade Mãe Matuta (OVÍDIO, *Fastos* 6.476, 482, 531, 533).

1.32-33)

O *libum* é também mencionado no tratado *De agricultura* (*Sobre a agricultura*), de Catão (234-149 a.C.), ¹² que fornece sua receita:

Libum hoc modo facito. Casei P. II bene disterat in mortario. Vbi bene distriuerit, farinae siligineae libram aut, si uoles tenerius esse, selibram similaginis eodem indito permiscetoque cum caseo bene. Ouum unum addito et una permisceto bene. Inde panem facito, folia subdito, in foco caldo sub testu coquito leniter. (CATÃO, De agricultura 75)

- 10 Na definição de Ernout e de Meillet (1951, p. 634), o *libum* era um "bolo sacrificial oferecido aos deuses, geralmente no dia de aniversário de nascença; depois, na língua comum, bolo em geral." ("— Gâteau de sacrifice offert aux dieux, généralement le jour anniversaire de la naissance; puis, dans la l. commune, gâteau en géneral").
- Na poesia elegíaca romana, por exemplo, os poemas com temática de aniversário (genethliakon ou carmen natale) frequentemente comentam sobre o libum e o vinho como elementos da comemoração. Tibulo, na elegia sobre o aniversário de Messala: "Assim venhas [o Gênio] hoje, que eu te dê honras de incenso e traga libos doces com mel Mopsópio." Sic uenias hodierne, tibi dem turis honores, / liba et Mopsopio dulcia melle feram (TIBULO, 1.7.54, trad. nossa); na elegia do aniversário de seu amigo Cornuto: "Que [o Gênio] se sacie com o libo e se banhe no vinho" Atque satur libo sit madeatque mero (TIBULO, 2.2.8, trad. nossa); e na elegia de Sulpícia sobre seu próprio aniversário: Três vezes se celebre a ti com libo, três vezes, ó casta deusa [Juno], com vinho" Ter tibi fit libo, ter, dea casta, mero (TIBULO, 3.12.14). Igualmente, Ovídio, já em sua produção com temática de exílio, em elegia sobre seu próprio aniversário: "Esperas [...] que eu dê libos assinalando individualmente o tempo do nascimento" Expectas [...] libaque dem proprie genitale notantia tempus (OVÍDIO, Tristia 3.13.17).
- O tratado agrícola de Catão e alguns de seus assuntos, dentre eles o *libum*, são mencionados também no *De re rustica* (*Das coisas do campo*), de Varrão (1.2, 2012, p. 31-33): "Acaso no livro agrário publicado pelo grande Catão não foram escritas muitas passagens semelhantes, por exemplo, sobre como fazer a *placenta*, como fazer o *libum* e como salgar os pernis?" *An non in magni illius Catonis libro, qui de agri cultura est editus, scripta sunt permulta similia, ut haec, quem ad modum placentam facere oporteat, quo pacto libum, qua ratione pernas sallere?*

Faze o *libum* assim: esmaga bem duas libras de **queijo** num almofariz. Quando estiver bem esmagado, junta a ele uma libra da **melhor farinha** ou, se desejares que fique mais macio, meia libra de **flor de farinha** e mistura bem com o **queijo**. Junta um **ovo** e mistura homogeneizando bem. Forma um filão, põe-lhe folhas por baixo e coze suavemente em fogo quente sob um testo. (TREVIZAM, 2006, p. 370)

Enquanto Catão lista entre os ingredientes o queijo (caseus), a farinha (farina) e o ovo (ouum), Ovídio, nos Fastos, destaca a presença de mel no libum. Os comentários mais prolongados acerca do assunto são oferecidos na passagem sobre as Liberárias (OVÍDIO, Fastos 3.713-790), festividades em honra de Baco (ou Líber Pai, como também é conhecido em âmbito romano), no dia 17 de março. O trecho principia com um pedido ao deus por inspiração, para que o poeta possa cantar seu dia: "O terceiro após os Idos é o famosíssimo dia de Baco: / ó Baco, favorece este vate, enquanto tuas festas canto." – Tertia post Idus lux est celeberrima Baccho: / Bacche, faue uati, dum tua festa cano (OVÍDIO, Fastos 3.713-714). Pouco depois, é apresentada a principal questão acerca do rito que inquieta o eu-poético: "O objetivo deste canto é expor as causas por que / uma velha pobre chama o povo para seus bolos". – Carminis huius opus causas exponere, quare / uilis anus populos ad sua liba uocet. (OVÍDIO, Fastos 3.725-726).

Diante disso, o eu-poético, que passa a se dirigir diretamente a Líber (vocativo *Liber*, 3.728), atribui ao deus, após sua conquista do Oriente, a invenção das primícias, dos bolos, das libações e dos sacrifícios de animais. Com isso, constitui-se uma etiologia dos ritos sagrados vinculada a Baco:

730

Te memorant, Gange totoque Oriente subacto, primitias magno seposuisse Ioui: cinnama tu primus captiuaque tura dedisti deque triumphato uiscera tosta boue.

Nomine ab auctoris ducunt libamina nomen libaque, quod sanctis pars datur inde focis.

(OVÍDIO, Fast. 3.729-734)

Lembram que, tendo submetido o Leste e o Ganges, as primícias a Jove ofereceste. 730

Foste o primeiro a oferecer canela, incenso e as entranhas de um touro triunfado.

Vêm do nome do deus as *libações* e os *libos*, porque u'a parte é entregue aos sacros fogos.

(OVÍDIO, 2015, p. 173)

O mais interessante a esse respeito é que Nasão não se limita a expor as causas/origens dos sacrifícios, mas elabora também etimologias para os elementos introduzidos nos ritos. Na medida em que Líber (*Liber*) foi o inventor das oferendas aos deuses, os libos (*liba*) e as libações (*libamina*), de acordo com o eu-poético, derivariam seus nomes do nome deste deus.

Griação & Grítica

Com efeito, já na Antiguidade, os termos *libum* e *libamen* eram etimologicamente associados ao verbo *libo* ("fazer oferendas"), conforme demonstram Ernout; Meillet (1951, p. 634), mediante citação de Varrão: "Varr. *L.L.* 5.106, *libum quod ut libaretur, priusquam essetur, erat coctum*" ("o libo, que existia antes para ser oferecido em libação do que para ser comido, era cozido", trad. nossa); e "Varr. *L.L.* 7.43, *liba quod libandi causa fiunt*" ("os libos, que são feitos para realizar libações").

Não obstante, é curioso observar que esses termos, a princípio, não têm qualquer relação com o nome do deus, Líber (SCHILLING, 2003, p. 158). Desse modo, o que se verifica é que Ovídio procede à invenção de etimologias em seu poema. O uso desse recurso contribui, no trecho em questão, para a construção de uma espécie de garantia linguística do vínculo apresentado entre Baco e os ritos sagrados, a fim de comprovar e dar crédito à etiologia narrada anteriormente.

Ritos alimentares e suas etiologias míticas

Além da explicação das origens das libações com Baco, o eu-poético comentador do calendário ainda apresenta outra etiologia vinculada às festas Liberálias: o motivo por que são oferecidos libos ao deus:

Liba deo fiunt, sucis quia dulcibus idem gaudet et a Baccho mella reperta ferunt.

[...]

Melle pater fruitur liboque infusa calenti iure repertori splendida mella damus. (OVÍDIO, Fastos 3.735-736; 761-762)

Fazem **libos** p'r'o deus, que ama doces sabores – dizem por Baco o mel foi descoberto.

[]

Ao deus deleita o mel, que, em **libo** quente infuso, ao seu descobridor oferecemos.

(OVÍDIO, 2015, p. 173 e 175)

No poema ovidiano, diferentemente da receita presente em Catão, o *libum* é preparado também com mel. Exatamente devido a esse ingrediente, o bolo agrada a Baco: nos *Fastos*, o deus é considerado o descobridor do mel, fato a que se relaciona à etiologia do uso do *libum* em suas festas. É interessante notar que essa explicação é duas vezes apresentada na passagem sobre as Liberálias, e que os dois dísticos (acima citados) que comentam sobre ela funcionam como a moldura de uma narrativa mitológica inserida no poema (OVÍDIO, *Fastos* 3.737-760).

O relato narra a chegada de Líber e seu séquito de sátiros nas regiões do Ródope e do Pandeu, os quais, ao tocarem címbalos de bronze, atraíram um enxame de abelhas. Tendo -as aprisionado em um tronco oco, o deus descobre o mel, cujo sabor encanta os sátiros e o velho Sileno, que partem para o bosque a fim de encontrar mais favos. Ao ouvir o zumbido de abelhas vindo do interior de um olmo, Sileno se ergue sobre o dorso do asno que o carregava, com o intuito de encontrar mel no interior do tronco. Porém, eis que surgem mil vespões reunidos, que picam toda a careca e o nariz do velho, que cai do asno, bate a cabeça e ainda é escoiceado. Todos riem do pequeno desastre, e Baco ensina a cobrir o rosto de lama, para aliviar as picadas.

É notável que, logo no princípio da narração, já se esclarece, por meio de um comentário parentético, quase com valor programático, o tipo de relato a ser contado: "Minha história não tem gracejos enfadonhos" – *Non habet ingratos fabula nostra iocos* (OVÍDIO, *Fastos* 3.738). Assim, a expectativa inicial de uma narrativa séria ou religiosa acerca da descoberta do mel por Líber é imediatamente seguida e substituída pela cômica (re)descoberta do mel por Sileno, o que lhe custara uma infinidade de picadas de abelha. Sob esse aspecto, a narrativa mitológica (*fabula*) exposta caracteriza-se pela leveza e pela falta de seriedade típica dos jogos e dos gracejos (*iocos*). Segundo Barchiesi (1997, p. 240), termos desse tipo funcionam como marcadores, que Ovídio às vezes usa para introduzir no poema digressões de assunto cômico ou sexual. Para o estudioso, "o uso de termos como *ioci*, *iocosus*, *obscenus*, e também *fabula* parece estar reservado para narrativas burlescas, quase sempre de natureza sexual" (BARCHIESI, 1997, p. 240). Nesse sentido, Barchiesi (1997, p. 240) propõe ser possível compreender tais marcadores como indicadores metaliterários, que assinalam tradições a que é feita referência e, ao mesmo tempo, proporcionam um distanciamento em relação ao tipo de narrativa que circunda a digressão.

Ora, é bastante sugestivo que, no caso, precisamente em um episódio em que Baco, sátiros e Sileno (típicas personagens da comédia) estão presentes, o tom da narrativa se torne "inferior" e jocoso (*iocos*) e adquira caráter mais burlesco. Diante disso, observa-se que a etiologia inicialmente esperada – o gosto de Baco por libos e sua descoberta do mel – é substituída pela bem mais longa (e, principalmente, cômica) narrativa de Sileno picado pelas abelhas. Isso parece destacar que, antes de um poema comprometido com a seriedade dos ritos e dos sacrifícios religiosos e com a expressão e a divulgação de um sentimento de *romanitas*, afim à ideologia imperial, os *Fastos* constituem uma espécie de jogo com a tradição, que é retomada e registrada, porém, segundo novas perspectivas, as quais, inclusive, envolvem uma pitada de irônico humor.

Ademais, é interessante notar que a etiologia inicial narrando sobre a descoberta do mel e seu uso na festividade em honra ao deus Baco acaba por evocar discussões a respeito

A esse respeito, convém destacar que termos como *iocus* e *ludus* são frequentemente usados por Ovídio para designar a poesia elegíaca. Nos *Tristia* (*Tristezas*), primeira coletânea de elegias com temática de exílio, por exemplo, ele os emprega para se referir à sua poesia amorosa e, mais especificamente, à *Ars amatoria* (*Arte de amar*), obra usualmente identificada como uma das causas do suposto exílio do poeta: "Sabes que este antigo poema foi **brincadeira** de jovem, / e estes **gracejos**, embora não louváveis, são apenas gracejos." – *Scis uetus hoc iuueni lusum mihi carmen, et istos, / ut non laudandos, sic tamen esse iocos* (OVÍDIO, *Tristia* 1.9.59-62); "Mas uma pena triste seguiu-se aos meus **gracejos.**" – *Sed tristis nostros poena secuta iocos* (OVÍDIO, *Tristia* 2.494).

Segundo Barchiesi (1997, p. 243), é como se uma procissão dionisíaca perpassasse os interlúdios cômicos dos *Fastos*, de modo a assinalar a obra com uma suspensão da seriedade.

do próprio texto e do fazer literário. Com efeito, os mencionados marcadores metaliterários, que sinalizam uma mudança no tom da obra, convidam a reflexões concernentes aos gêneros poéticos, sobretudo quanto à presença de uma narrativa tipicamente cômica inserida em uma obra que reclama para si um assunto elevado, já que voltada para ritos e festividades do calendário romano.

Porém, mais do que isso, o próprio alimento cuja etiologia é exposta – o mel – embebese de fortes significações literárias. O mel descoberto no poema é, metafórica e metapoeticamente, a própria poesia. De fato, na Antiguidade, há toda uma tradição que associa a doçura do mel à poesia e, inclusive, aproxima o poeta da figura das abelhas ¹⁵. A título de exemplo, em contexto latino, merece destaque a afirmação de Lucrécio (99 a.C.–55 a.C.) de que sua poesia, usada para veicular as ideias filosóficas epicuristas, funciona como o mel colocado na beira de um copo repleto de remédio, como se a atenuar a amargura do xarope ¹⁶.

Assim, não é por acaso que o *libum* no poema ovidiano, diferentemente da receita de Catão que citamos anteriormente, tenha a particularidade de apresentar o mel como um de seus ingredientes. O libo oferecido a Baco (que, não nos esqueçamos, é um deus vinculado à poesia, especialmente aos gêneros cômicos) é um bolo de mel, bolo de poesia. O libo é a própria narrativa burlesca, de tonalidade nitidamente cômica, narrando as peripécias de Sileno para encontrar o mel. Nesse sentido, o alimento e sua etiologia mítica tornam-se veículos para se discutir literatura nos versos dos *Fastos* – a comida faz-se poesia.

Algo bem semelhante ocorre em outras ocasiões do calendário ovidiano, como em meio às celebrações do dia 9 de janeiro, quando o eu-poético comenta, segundo Holzberg (2002, p. 155), sobre a história dos primórdios da civilização humana e expõe as origens do sacrifício animal (OVÍDIO, *Fastos* 1.335-456). Em grande parte da passagem, o eu-poético Nasão apresenta as carnes de animais que devem ser oferecidas a cada deus, além de esclarecer a causa da escolha por meio de breves etiologias:

Prima Ceres auidae gauisa est sanguine porcae,
ulta suas merita caede nocentis opes; 350
nam sata uere nouo teneris lactentia sucis
eruta saetigerae comperit ore suis.

Sus dederat poenas: exemplo territus huius
palmite debueras abstinuisse, caper.

Quem spectans aliquis dentes in uite prementem 355
talia non tacito dicta dolore dedit:
'Rode, caper, uitem; tamen hinc, cum stabis ad aram,
in tua quod spargi cornua possit erit.'

Verba fides sequitur: noxae tibi deditus hostis

Por exemplo, Píndaro (*Píticas* 10.53-54), Platão (Íon 534b), Virgílio (*Geórgicas* 4.1-6), Horácio (*Epístolas* 1.19.44-45; *Odes* 4.2.27-29), entre outros. Para uma análise dessas aproximações entre mel e poesia e entre poeta e abelha, com um enfoque especial na poesia de Horácio, veja-se Maciel (2017, p. 67-70).

LUCRÉCIO, *De rerum natura* 1.936-938; 945-947: "Mas assim como os médicos, quando tentam dar aos meninos / xaropes repugnantes, primeiro cobrem as bordas dos copos / com o líquido doce e amarelo do mel, [...] eu quis te apresentar / em suave poema piério minha doutrina e como que te cobrir com o doce mel das Musas." ("—*Sed ueluti pueris absinthia taetra medentes* / *cum dare conantur, prius oras pocula circum* / *contingunt mellis dulci flauoque liquore* [...] *uolui tibi suauiloquenti* / *carmine Pierio rationem exponere nostram* / *et quasi musaeo dulci contingere melle*".

spargitur adfuso cornua, Bacche, mero. Culpa sui nocuit, nocuit quoque culpa **capellae**. (OVÍDIO, Fastos 1.349-361)

Ceres fica feliz com o sangue da **porca**, punida por destruir os seus tesouros,

350

355

360

pois viu na primavera a seara suculenta ser pela **hirsuta porca** chafurdada.

Puniu-se a porca: apavorado pelo exemplo, devias te afastar da vide, ó cabra.

Vendo-te alguém trincar os dentes na videira, com dor não muda disse tais palavras:

"Rói, **cabra**, a vinha; porém quando p'ra ara fores, de teu chifre ela irá ser derramada".

Cumpre-se a fala, e o vinho dado em libação, posto no chifre, ó Baco, é derramado. 360

Por ser culpada, também paga a pena a **cabra**. (OVÍDIO, 2015, p. 53-55)

A primeira deusa mencionada é Ceres, a quem se oferece nas celebrações o sacrifício de uma porca (*porca* ou *suis*). O eu-poético não se limita a expor o fato; também apresenta sua causa: Ceres se compraz com a carne da porca, uma vez que esse animal destrói as searas e, assim, prejudica os dons da deusa. Em outra passagem dos *Fastos*, no episódio do rapto de Prosérpina, a porca novamente aparece como elemento de oposição a Ceres, ao ser vista como culpada por destruir os vestígios que a deusa seguia para encontrar sua filha raptada por Plutão: "Seria aquele o último dia da procura, / se uma porca os sinais não perturbasse." – *Forsitan illa dies erroris summa fuisset*, / *si non turbassent signa reperta sues* (OVÍDIO, *Fastos* 4.465-466, 2015, p. 211). De forma similar, a Baco é sacrificada e oferecida a cabra, pois ela mastiga e destrói as videiras do deus. Essa inimizade serve ainda para explicar o motivo pelo qual, ao ser realizado o sacrifício da cabra, seu chifre é usado para derramar o vinho.

Desse modo, nota-se que, embora brevemente, o eu-poético procede à explicação das carnes ofertadas aos deuses, por meio de etiologias que, de certa forma, fundamentam os rituais romanos a que se vinculam. O mais curioso, no entanto, é que, após mencionar os animais sacrificados a vários deuses, a passagem finaliza com uma narrativa mítica mais longa, explicando a razão de se sacrificar o asno, que zurra, a Priapo, deus da fertilidade usualmente representado com o membro viril rígido e ereto (OVÍDIO, *Fastos* 1.393-440). A narrativa mítica, novamente, aparece emoldurada por explicações etiológicas:

Caeditur et rigido custodi ruris asellus; causa **pudenda** quidem, sed tamen apta deo.

[...]

Morte dedit poenas auctor clamoris; et haec est

Hellespontiaco uictima grata deo. (OVÍDIO, Fast. 1.391-392; 439-440)

Para o duro guardião do campo é morto o burro – a história é **licenciosa**, mas de um deus.

[...]

O autor do zurro recebeu pena de morte e p'r'o deus do Helesponto é cara a vítima. (OVÍDIO, 2015, p. 57 e 59)

No princípio do relato, a mudança de tom já é evidenciada pelo termo *pudenda* ("licenciosa") e pela caracterização de Priapo como *rígido* ("duro", em referência a seu membro viril), que funcionam como marcadores metaliterários. Além disso, a história irá se desenvolver durante as festividades em honra a Baco, o que prenuncia possíveis diálogos com a comédia e seu aspecto burlesco. Nesse caso, além da coloração cômica, nota-se, no relato, a presença da temática sexual. A narrativa inicia-se com a afirmação de que as festas de Baco, na Grécia, reuniram ninfas, náiades, Pãs, sátiros, o velho Sileno e Priapo (identificado como "deus do Helesponto"). Este último apaixona-se pela ninfa Lótis, mas é por ela recusado, e o narrador expressa a paixão e o desejo do deus em versos de tonalidade tipicamente elegía-co-amorosa. Durante a noite, quando todos estão dormindo, Priapo dirige-se até o leito da ninfa, a fim de satisfazer seus desejos sexuais. Porém, o asno do velho Sileno zurra com sua presença, fazendo a ninfa acordar e expondo os intuitos do deus:

Et iam finitima corpus librabat in herba:

illa tamen multi plena soporis erat. 430

Gaudet et a pedibus tracto uelamine uota
ad sua felici coeperat ire uia.

Ecce rudens rauco Sileni uector asellus
intempestiuos edidit ore sonos.

Territa consurgit nymphe, manibusque Priapum
reicit, et fugiens concitat omne nemus.

At deus, obscena nimium quoque parte paratus,
omnibus ad lunae lumina risus erat.

(OVÍDIO, Fastos 1.429-438)

Quando alcançou o leito, equilibrava o corpo, enquanto ela no sono estava entregue. 430 Alegra-se, e ao tirar o véu dos pés, começa

OVÍDIO, Fastos 1.415-418 (2015, p. 59): "Mas o rubro Priapo, honra e deus dos jardins, / dentre todas por Lótis cativou-se. / Por ela só suspira; a deseja e cobiça; / ele mexe a cabeça e pede aceno." – At ruber, hortorum decus et tutela, Priapus / omnibus ex illis Lotide captus erat: / hanc cupit, hanc optat, sola suspirat in illa, / signaque dat nutu sollicitatque notis. Notem-se os seguintes temas ou tópoi típicos da elegia amorosa romana presentes no trecho: o amante como presa capturada pelo amor (captus erat); a expressão de desejo pela amada (cupit, optat); o sofrimento pelo amor não realizável (suspirat); os gestos cifrados para solicitar a amada (nutu, notis).

o caminho feliz de seus desejos.

Eis que, rouco ornejando, o burro de Sileno intempestivos sons soltou da boca.

No susto, ergue-se a ninfa e repele com as mãos 435

Priapo, que ao fugir abala o bosque.

Mas o deus, com a parte obscena preparada, sob o luar provocou em todos riso.

(OVÍDIO, 2015, p. 59)

No trecho, a expressão *obscena parte* ("parte obscena") assinala a coloração distinta do episódio, que não exibe uma explicação religiosa para o sacrifício do asno ou da oferta de sua carne, mas imerge em uma etiologia de caráter cômico, baseada em uma tentativa frustrada de violação da ninfa. Assim, as consequências da falha de Priapo (que estava a postos para satisfazer seus desejos sexuais, mas é denunciado pelo ornejar do asno) geram riso, o que ratifica a tonalidade cômica da cena.

Conforme destaca Barchiesi (1997, p. 243-244), esses tipos de narrativas – tendentes para o cômico – presentes nos *Fastos*, estabelecem uma ligação entre o panteão romano e a dimensão satírica ou dionisíaca, possibilitando ao poeta efetuar uma fusão não pretendida pela religião oficial. Assim, aquilo que não caberia no âmbito oficial é recuperado por meio de "operações de exegese, que funcionam como implantações subjetivas na estrutura dos calendários comuns" (BARCHIESI, 1997, p. 244) . Com isso, o poema ovidiano constrói uma memória da tradição cultural romana sob uma nova perspectiva, baseada em um divertido jogo de combinação dos ritos, festas e eventos da história romana com narrativas míticas e relatos jocosos envolvendo os deuses.

Nesse contexto, os alimentos oferecidos aos deuses nas celebrações romanas funcionam no poema como ativadores de narrativas. É a partir deles que se desenrolam diversos relatos etiológicos de natureza mítica: a comida imbui-se de sentido e congrega motivos para o deslindamento do texto, para o fluir de histórias e para o ato poético de narrar. Nessa perspectiva, as narrativas etiológicas não apenas esclarecem as origens dos usos dos alimentos, mas são, ainda, assinaladas por comentários e reflexões sobre o próprio fazer poético. Os alimentos evocam suas histórias míticas para serem seladas na memória cultural romana por meio dos versos ovidianos. Os alimentos dão motivo para o esboço de relatos que modificam o tom do texto e inserem novos sabores – mais picantes – nos *Fastos*. Esses sabores se traduzem literariamente pelos comentários autorreflexivos do eu-poético e culminam numa sutil e engenhosa discussão sobre a própria poesia e sua feitura.

Considerações finais

Os *Fastos*, poema-calendário ovidiano, ao descrever as festividades romanas, também apresentam os alimentos utilizados nos ritos e as etiologias míticas que justificam seu emprego. Por meio desse procedimento de narrar histórias das causas do uso de determinados alimentos, a obra constrói memórias da tradição romana e suscita reflexões sobre o próprio fazer poético. Com efeito, Holzberg (2002, p. 173) comenta que uma das funções do calendário era lembrar aos romanos sua história comunitária e sua autoimagem – "desse modo, as coleções de mitos e explicações a festivais disponíveis nos comentários a calendários não eram acumulações fortuitas de curiosidades, mas antes um compêndio de interpretações individuais sobre Roma e seu povo organizado pelo Estado".

Similarmente, Scheid (2013, p. 124) destaca o caráter de memorandos ou memoriais que os antigos calendários romanos possuíam, na medida em que eram formas de contemplar a história romana e fornecer adaptações de sua imagem. Sob esse aspecto, também o poema de Ovídio, ao narrar etiologias e descrever celebrações, reelabora e reconstitui tradições romanas, mas a partir de novas perspectivas, distintas da centralidade dos cultos oficiais do Estado. Assim, por meio de narrativas etiológicas de caráter cômico, por exemplo, os *Fastos* propõem um redirecionamento da tradição, ao abordá-la sob a perspectiva poética. Ao mesmo tempo, ao mesclar rituais e eventos da história romana aos mitos e personagens míticas do âmbito grego, a obra parece fundar novas tradições, baseadas na exegese literária e no jogo poético.

Nesse sentido, a etiologia para o uso de alguns alimentos nas celebrações religiosas do calendário romano confunde-se com uma etiologia poética, segundo a qual são exploradas e desenvolvidas nos *Fastos* versões míticas invocando para o poema gêneros considerados menos elevados, como a comédia e os poemas de temática priapeia. Ao discurso religioso e ritual sobrepõem-se questões de matiz poético, e os alimentos presentes nas celebrações romanas tornam-se veículo para a memória e para a evocação de narrativas. A comida faz-se texto, ela é ingrediente para a conformação de um discurso poético autorreflexivo. Ao discorrer sobre a história de ritos e alimentos, as etiologias dos *Fastos* aqui analisadas suscitam reflexões sobre a própria poesia e sobre o estatuto poético da obra. Assim, as explicações míticas alimentares adquirem forte sabor literário.

Referências bibliográficas

BARCHIESI, A. *The poet and the prince*: Ovid and Augustan discourse. Trans. Regents of the University of California. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1997.

CATO; VARRO. *On Agriculture*. Translated W. D. Hooper, Harrison Boyd Ash. Loeb Classical Library 283. Cambridge: Harvard University Press, 1934.

[&]quot;Thus the collections of myths and the explanations of the various festivals available in commentaries on the calendar were not random accumulations of curiosities, but rather a compendium of individual interpretations of Rome and its people organized by the state".



- CITRONI, M. et al. Literatura de Roma Antiga. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2006.
- Degrassi, A. *Inscriptiones Italiae* 13.2: Fasti anni numani et iuliani. Roma: Istituto poligrafico dello Stato, 1963.
- Ernout, A.; Meillet, A. Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots. Paris: Klincksieck, 1951.
- Fitton Brown, A. D. "The unreality of Ovid's Tomitan exile". *Liverpool Classical Monthly*, Liverpool, v. 10, n. 2, p. 18-22, 1985.
- Gouvêa JR., M. M. "Fastos de Ovídio: uma introdução". In: OVÍDIO. Fastos. Trad. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- HERBERT-BROWN, G. "*Fasti*: the poet, the prince and the plebs". In: KNOX, P. (ed.). *A Companion to Ovid*. Oxford: Blackwell, 2009.
- HOLZBERG, N. *Ovid*: The poet and his work. Trans. G. M. Goshgarian. Ithaca/London: Cornell University Press, 2002.
- Homero. Ilíada. Trad. C. A. Nunes. São Paulo: Ediouro, 2001.
- HORACE. *Odes and Epodes*. Edited and translated by N. Rudd. Loeb Classical Library 33. Cambridge: Harvard University Press, 2004.
- _____. Satires. Epistles. The Art of Poetry. Translated by H. Rushton Fairclough. Loeb Classical Library 194. Cambridge: Harvard University Press, 1926.
- Lucrèce. *De la nature. Tome I. Livres I-III.* Texte établi et traduit par A. Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1955.
- Maciel, B. F. S. *O poeta ensina a ousar: ironia e didatismo nas "Epístolas" de Horácio.* 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- MACROBIUS. *Saturnalia, Volume I: Books 1-2*. Edited and translated by Robert A. Kaster. Loeb Classical Library 510. Cambridge: Harvard University Press, 2011.
- MILLER, J. F. "The *Fasti*: style, structure, and time". In: BOYD, B. W. (ed). *Brill's Companion to Ovid*. Leiden/Boston/Köln: Brill, 2002, p. 167-196.
- Ovídio. Fastos. Trad. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- _____. *Les Fastes. Tome I. Livres I-III*. Texte établi, traduit et commenté par R. Schilling. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- _____. *Les Fastes. Tome II. Livres IV-VI*. Texte établi, traduit et commenté par R. Schilling. Paris: Les Belles Lettres, 1993.
- ____. *Tristes*. Texte établi et traduit par J. André. Paris: Les Belles Lettres, 2008.
- PINDAR. *Olympian Odes*. *Pythian Odes*. Edited and translated by William H. Race. Loeb Classical Library 56. Cambridge: Harvard University Press, 1997.
- PLATO. *Statesman. Philebus. Ion.* Translated by H. N. Fowler, W. R. M. Lamb. Loeb Classical Library 164. Cambridge: Harvard University Press, 1925.
- Scheid, J. "Myth, cult and reality in Ovid's *Fasti*". *The Cambridge Classical Journal*, Cambridge, v. 38, p. 118-131, 2013.
- Tibulle. Élégies. Texte établi et traduit par M. Ponchont. Paris: Les Belles Lettres, 1955.

TREVIZAM, M. Linguagem e Interpretação na Literatura Agrária Latina. 2006. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2006.

Varrão. *Das coisas do campo*. Intr., trad. e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Ed. Unicamp, 2012.

Recebido em: 26/03/2017 Aceito em: 09/05/2017

Referência eletrônica: AVELLAR, Júlia Batista Castilho de. Um manjar de poesia: comidas e etiologias míticas nos "Fastos", de Ovídio. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n. 18, p. 5–19, jun. 2017. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica. Acesso em: dd/mm/aaaa.